

PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO:**Judith Butler e uma crítica à alguns conceitos desenvolvidos pelas teorias
feministas tradicionais**

Amanda Recke

Resumo:

Este artigo busca verificar o papel exercido pelo conceito de performatividade na desconstrução proposta por Judith Butler da ideia de gênero sustentada pelas teorias feministas tradicionais. A tese de Butler é que o gênero é performativo. Com isto, ela pretende afirmar que o gênero é constituído como uma sequência de atos cuja coerência é estabelecida no interior de uma rígida estrutura reguladora, que também lhe garante uma continuidade. Pretendemos percorrer o caminho que Butler fez, dentro de sua teoria, para tornar possível esta crítica por ela desenvolvida contra a substancialidade do conceito de gênero que decorre da distinção sexo/gênero.

Palavras-chave: Judith Butler, gênero, feminismo, performatividade**Abstract:**

This paper aims to verify the role exercised by the concept of performativity in the deconstruction proposed by Judith Butler of an idea of gender that is defended by the traditional feminists theories. Butler's thesis is that gender is performative. Thereby, she argues that gender is constituted through a sequence of acts whose occurrence is established inside a rigid regulatory frame which also ensures its continuity. We intend to go through the path constructed by Butler inside her theory that made possible her critique of the substantiality of the concept of gender that results from the gender/sex distinction.

Keywords: Judith Butler, gender, feminism, performativity

Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, considerada por muitos uma expoente nos estudos sobre identidade de gênero, sexo e sexualidade. Além disso, uma das principais influências contemporâneas da teoria *queer*⁶⁷. O início de sua produção intelectual data dos anos 1980 e desde então seu nome é constantemente citado em bibliografias que discutem as teorias de gênero. A obra na qual ela desenvolve suas principais ideias é *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, publicada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1990. De acordo com Sara Salih, Butler foi influenciada por outros importantes filósofos contemporâneos:

A importância de Foucault e Derrida para a obra de Butler fez com que muitas pessoas a classificassem como uma filósofa pós-estruturalista, pois essa seria a suposta 'escola de pensamento' à qual geralmente se considera que eles pertencem. No entanto, ainda que ela seja, sem dúvida influenciada pelos modos de pensamento e de análise pós-estruturalistas, há outras influências igualmente importantes — em particular, a teoria psicanalítica, a teoria feminista e a teoria marxista [...] (SALIH, 2015, p.12).

Butler faz uma crítica bastante incisiva às teorias feministas tradicionais, mas ela não desconsidera a importância do feminismo, bem como não desconsidera os muitos êxitos alcançados pela militância feminista ao longo da história. O que ela pretende com esta crítica é lançar luz em algumas abordagens, pertencentes às correntes tradicionais do feminismo, que ao invés de libertar as mulheres do domínio, apenas repetem o discurso do dominador. Além disso, Butler chama a atenção para o fato que estas teorias

⁶⁷ “[...] *queer* constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar, e seu radicalismo reside, pelo menos em parte, na sua resistência à definição — por assim dizer — fácil.” (SALIH, 2015, p.19). Já Eve Sedgwick, teórica *queer* em seu livro *Epistemologia do armário* define o termo da seguinte forma: “O *queer* é um momento, um movimento, um motivo contínuo — recorrente, vertiginoso, *troublant* [perturbador]” (SEDGWICK, 1994, p.12) Assim podemos compreender o termo *queer* como algo que não se preocupa com definições, pois ele é a negação de si mesmo, ou ainda, uma ausência de significado.

tradicionais estão apoiadas em certos conceitos problemáticos, que deveriam ser desconstruídos e não reiterados, tais como a distinção entre sexo/gênero, natureza/cultura, entre outros.

O presente artigo está dividido em duas partes. A primeira percorre os conceitos fundamentais levantados por Judith Butler a fim de criticar a metafísica da substância nas teorias de identidades de gênero e criticar também as teorias feministas tradicionais que se apoiam em tais conceitos. E a segunda parte pretende discutir a ideia de construção de gênero que, de acordo com Butler, se cristaliza de forma a parecer ser natural e permanente, e apresentar o conceito de performatividade de gênero para explicar o papel que ele tem na desconstrução do conceito de gênero.

Indissociabilidade entre natureza/cultura

O pressuposto binário do sexo

Diante do estudo sobre o gênero, o primeiro ponto crítico que vemos emergir é a problemática distinção entre natureza/cultura. Podemos dizer que essa dicotomia possui um caráter fundador em muitas crenças. Ela constitui um dos binarismos mais recorrentes na história. Habitamo-nos a relacionar natureza com uma forma de essência, algo que é inato ao ser humano. Segundo Butler, “a relação entre natureza e cultura, pressuposta por alguns modelos do gênero como construção, supõe uma cultura ou uma agência do social que age sobre uma natureza, a qual é, ela própria, pressuposta como uma superfície passiva, fora do social, mas sua necessária contraparte” (BUTLER apud LOURO, 2000, p. 152). Nesse sentido, a natureza compreendida como anterior à inteligibilidade, necessitaria impreterivelmente “da marca do social, quando não da sua ferida para significar, para ser conhecido, para adquirir valor” (BUTLER, idem). Seguindo esse raciocínio, se levarmos em conta que, desde sempre, tem sido este o critério para distinguir a diferenciação sexual, é certo dizer que o sexo necessita da marca do social para ser inteligível. Pois, ainda de acordo com Butler, “o natural é construído como aquilo que é também sem valor, além disso, assume seu valor ao mesmo tempo que assume seu caráter social [...]” (BUTLER, idem).

Devemos considerar também que, nessa perspectiva, não deve sobrar nada do sexo, pois, o próprio sexo é abandonado em nome de algo mais elevado que é o gênero. Em outras palavras, o sexo é substituído pelo significado de gênero. Disso decorre a seguinte afirmação de Butler: “o sexo é abandonado no curso dessa assunção e o gênero emerge não como um termo em uma permanente relação de oposição ao sexo, mas como um termo que absorve e desloca o ‘sexo’” (BUTLER apud LOURO, 2000, p.152) Essa é, portanto, uma visão construcionista a respeito da ideia de gênero, isto é, a ideia de que o gênero tenha sido construído culturalmente a partir de uma pressuposição binária do sexo.

Em outras palavras, o gênero masculino/feminino se dá com base em um estado relacional direto dentro do qual sexo é compreendido a partir do par macho/fêmea. Isso caracteriza não somente um estado direto de relação, mas também um estado de relação mimética entre sexo/gênero.

Vejamos, então, no que implica estabelecer que o gênero é uma interpretação cultural do sexo. Se considerarmos que o sexo é o gênero que assume um caráter cultural, ou seja, que o gênero é uma construção cultural do sexo, então isto significa que o sexo vem *a priori* e o gênero *a posteriori*. Entretanto, notemos que esta conclusão constitui um problema e não se sustenta:

[...] o sexo que é referido como sendo anterior ao gênero será ele mesmo uma postulação, uma construção, oferecida no interior da linguagem, como aquilo que é anterior à linguagem, anterior à construção. Mas esse sexo colocado como anterior à construção torna-se, [...] o efeito daquela mesma colocação: a construção da construção. (BUTLER apud LOURO, 2000, p. p. 152)

O problema de se considerar o sexo anterior ao gênero é que o sexo se torna, então, algo inacessível. Não é por outro motivo que Butler afirma que a definição do sexo se perde pelos meandros da própria linguagem que o define. Neste sentido, afirmar essa concepção também quer dizer que, segundo Butler:

[...] o sexo vem antes da lei, no sentido de ser *cultural e politicamente indeterminado*, constituindo, por assim dizer a ‘matéria-prima’ cultural, que só começa a gerar significação por meio de e após sua sujeição às regras de

parentescos. [...] O próprio conceito sexo como matéria-prima, do sexo-como-instrumento-de-significação-cultural é uma formação discursiva que atua como fundação naturalizada da distinção natureza/cultura e das estratégias de dominação por elas sustentadas (BUTLER, 2015, p.74, grifo nosso).

No caso da concepção do sexo como uma essência (que pertenceria ao âmbito da natureza), Butler nos chama atenção para o fato de que esta essência só ganha significado a partir do agenciamento da cultura. Embora esta concepção trate o sexo como um dado pré-cultural, ele só assume significado para nós dentro de uma matriz cultural. Faz parte desta construção cultural enxergá-lo como natural. Esta naturalização é uma construção dentro da construção. É com base nestas ideias que Butler conclui que o sexo seria uma ficção: “se o gênero é a construção social do sexo e não existe nenhum acesso a esse ‘sexo’ exceto por meio de sua construção, então parece que [...] o ‘sexo’ se torna algo como uma ficção, talvez uma fantasia [...]” (BUTLER, 2015, p. 74).

Desse modo, a teoria construcionista que define o gênero como uma interpretação cultural do sexo perde absolutamente qualquer sustentação, visto que o acesso ao sexo se torna impossível. Desta maneira, Butler vai na contramão de uma visão construcionista de gênero. Ela entende que o sexo não pode ser pensado sob tais aspectos. Ela não concorda nem com um mero construcionismo linguístico, nem com a problemática distinção entre natureza/cultura. Dito de outra forma, para Butler, o sexo não é nem um atributo natural, tampouco algo dado *a priori* de um gênero construído linguisticamente:

O sexo não é simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. (BUTLER *apud* LOURO, 2000, p.152)

A conclusão de Butler é que o sexo é aquilo que produz a materialidade do corpo dentro de uma matriz cultural, é um ideal normativo que não só produz a diferenciação sexual como também molda a materialidade do corpo. Ou seja, o sexo pode ser entendido como um processo normativo que torna o corpo inteligível para uma cultura.

Assim, o sexo, como norma, faz parte de um emaranhado de outras práticas que juntas produzem, demarcam e diferenciam os corpos.

Decorre do exposto acima que, para Butler, não podemos jamais cair na armadilha de entender o sexo como um atributo natural do ser. Compreender o sexo como um atributo natural implica dizer que a biologia é destino. Ora, se o sexo é constitutivo de um ideal regulatório e, por consequência, materializado por meio de práticas discursivas, não pode ser considerado, de forma alguma, apenas um atributo natural.

O feminismo e a dicotomia natureza/cultura

Verificamos, também, um segundo modo de relacionar as dicotomias sexo/gênero e natureza/cultura. Modo que aparece, por exemplo, no ensaio intitulado *Para além do conceito do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino*, da feminista brasileira Rita Terezinha Schmidt. Neste ensaio, Schmidt chama a atenção para o fato de que a distinção natureza/cultura sustenta, em grande medida, equívocos que fortalecem a dominação das mulheres. Além disso, o dualismo presente nessa relação serviu como base para fundamentar concepções universalizantes, uma das mais problemáticas entre elas é a de sexo/gênero. Segundo Schmidt, “as categorias conceituais da natureza e da cultura constituem um dualismo fundador, muito caro à cultura humanista e o mais duradouro e persistente ao longo da história do mundo ocidental” (SCHMIDT, 2016, p.343).

Seguindo essa visão, a dicotomia natureza/cultura serviu de base para a concepção universalizante sexo/gênero a partir do momento em que se associou, dentro do âmbito desta concepção, o lado feminino à natureza pela essência supostamente passiva da mulher e se associou o lado masculino à cultura pela essência supostamente ativa do homem. Assim, dentro desta concepção, a natureza representa a mulher que espera passivamente a agência da cultura e a cultura representa o homem que imprime (ativamente) o significado na natureza (que aguarda passivamente). De acordo com Schmidt, “pode-se dizer que o dualismo natureza/cultura produziu a moldura dominante do humano — definição decorrente da racionalização do mimetismo biológico que

ratificou as representações de uma relação pretensamente ‘natural’ do corpo das mulheres com a natureza” (SCHMIDT, 2016, p.345).

Ocorre que, nessa reflexão que faz as associações acima expostas, evidencia-se um aspecto absolutamente misógino. A natureza representada pela mulher figura como algo que não possui significado a menos que a cultura lhe atribua. Na crítica de Butler, “trata-se de mais um exemplo em que a razão e mente são associadas com a masculinidade e a ação, ao passo que corpo e natureza são considerados como a facticidade muda do feminino, à espera de significação a partir de um sujeito masculino oposto” (BUTLER, 2015, p. 75).

Mais adiante, Schmitd chama atenção, também, para o fato de que o pensamento cartesiano serviu para reafirmar e disseminar essa concepção. Nesse sentido, “o dualismo natureza/cultura foi reescrito e ressignificado, [...] cuja clássica formulação *cogito ergo sum* jogou o corpo para a ordem das leis mecânicas da natureza [...]” (SHMIDT, 2016, p.345). É indispensável evidenciar que os dualismos acima referidos são impregnados por um simbolismo de caráter sexual. De acordo com Schmidt,

Por exemplo, a metáfora do corpo como pura matéria associada à natureza, e os dualismos mente/ corpo, razão/ emoção, cabeça/ coração, lidos invariavelmente pelo paradigma homem/ mulher, são constitutivos da concepção do feminino e matriz da noção popularizada até os dias de hoje, de que o sexo *está na* e *é* a mulher. (SHMIDT, 2016, p.346, grifo da autora)

Seguindo esse raciocínio, nos parece claro que a mulher representa o corpo marcado ao passo que o homem assume o que é universal. É praticamente auto evidente a profunda hierarquização dos termos, pois “onde há dualismo, há uma oposição binária calcada no privilégio de um termo sobre o outro, e onde há hierarquia, há controle” (SHMIDT, 2016, p.347).

Gênero e performatividade

Gênero como construção

A ideia de que o gênero seja uma construção cultural está apoiada na distinção entre sexo/gênero. Como já vimos, nesse sentido, o sexo seria dado naturalmente,

enquanto o gênero construído culturalmente. O sexo estaria associado à natureza e o gênero associado à cultura. A teoria feminista, principalmente as mais tradicionais que aceitam essas associações como verdadeiras, partem do pressuposto de que existe de fato uma distinção entre sexo/gênero. Algumas dessas correntes se apoiam no pensamento de Simone de Beauvoir, uma das mais importantes feministas que, na metade do século XX, escreveu *O segundo sexo*, obra na qual buscou responder a seguinte pergunta: “o que é uma mulher?” (BEAUVOIR, 2016 [1949], p.11). Para a filósofa francesa, o gênero é uma construção. Essa perspectiva é defendida pela autora e está sintetizada na aclamada frase: “ninguém nasce mulher: *torna-se mulher*” (BEAUVOIR, 2016, p.11, grifo nosso). Assim, a teoria feminista que defende a ideia de que o gênero é uma construção cultural encontra subsídio na filosofia beauvoiriana⁶⁸.

Neste ponto, já podemos enxergar uma clara distinção entre o pensamento de Butler e das demais teóricas feministas que se apoiam na distinção entre sexo/gênero. Butler critica esse posicionamento e propõe a desconstrução (desmonte) das categorias de gênero. Ela se opõe de modo tão forte à divisão sexo/gênero que chega a afirmar que “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula” (BUTLER, 2015, p. 27). Assim, fica evidente o cenário de tensão que existe entre as teóricas feministas tradicionais, que sustentam a distinção sexo/gênero, e o pensamento de Judith Butler, que defende exatamente o oposto, ou seja, a desconstrução do conceito de gênero.

Os termos dessa desconstrução são levantados e discutidos no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (BUTLER, 1990 [2015]). Quando, na referida obra, Judith Butler propõe a desconstrução do conceito de gênero, ela também promove a desconstrução de categorias opositivas (ou dicotômicas) e hierárquicas que estariam inscritas na longa tradição metafísica, tais como: essência/aparência; natureza/cultura; imaterial/material; alma/corpo etc.. Portanto, desconstruir a concepção

⁶⁸ O conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido, formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas “desnaturalizadoras” sob as quais se dava, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos. (RODRIGUES, 2015)

de gênero implicará na desconstrução daquilo que (em referência direta a Nietzsche) a filósofa chama de “metafísica da substância”. Segundo Salih (2015, p. 72), a “‘metafísica da substância’ refere-se à crença difundida de que o sexo e o corpo são entidades materiais, ‘naturais’, autoevidentes”. Butler critica a concepção humanista de sujeito, pois é com base nesta concepção de sujeito como uma pessoa substantiva que as teorias feministas tradicionais tendem a naturalizar o gênero:

As concepções humanistas do sujeito tendem a presumir uma pessoa substantiva, portadora de vários atributos essenciais e não essenciais. A posição feminista humanista compreenderia o gênero como um atributo da pessoa, caracterizada essencialmente como uma substância ou um “núcleo” de gênero pré-estabelecido, denominando pessoa, que denota uma capacidade universal de razão, moral, deliberação moral ou linguagem. (BUTLER, 2015, p.32)

O problema que Judith Butler identifica em se tomar o gênero como uma espécie de substância ou de determinar que o gênero seja uma forma de essência do sujeito é que, na verdade, o gênero teria apenas a aparência de substância. Embora pareça, o gênero não é um atributo do sujeito. Também não é uma essência ou substância que define o sujeito. Gênero, para Butler, não pode ser entendido como algo fixo, dado, *a priori*. Gênero é algo constituído a partir de atos que se repetem. Nas palavras da própria autora: “o gênero é a estilização de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual, se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2015, p.69).

Portanto, devemos notar que, pela natureza do conceito de gênero como foi descrito por Butler, ele cria a aparência de substancialidade, mas pela própria descrição vemos que ele não é substância, nem essência do sujeito. Butler conceitua o gênero como performativo. E é pela própria natureza performativa do gênero, que identificamos uma tendência à naturalização. Deste modo, o gênero é performativo porque é constituído pela estilização de atos repetitivos. Ora, são justamente tais atos repetitivos e estilizados que, ao longo do tempo, construíram contraditoriamente a ideia de que o gênero é um atributo natural do ser. É isso que dá a aparência de substancialidade.

Com base nestas ideias, Butler passa a criticar enfaticamente as teorias feministas. O ponto do qual parte a maioria destas críticas é a consideração do gênero

como uma construção cultural. Nas palavras da filósofa, “em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável” (BUTLER, 2015, p.28). Assim, insistir na ideia de que o gênero é uma construção, para Butler, significa tornar esse “conjunto de leis” tão determinista quanto a natureza. Se consideramos o gênero como uma construção cultural, não deveria haver gêneros dissonantes daquilo que estaria previamente estabelecido por determinada cultura. Butler também aponta para o fato de que se o esforço feito pela teoria feminista era no sentido de “desnaturalizar” tais concepções, então esse esforço frustrou-se, pois, ao assumir que é a cultura que constrói o gênero, assumir-se-ia também que o gênero se torna, nesse caso, “tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (BUTLER, 2015, pp. 28 – 29).

Outro argumento de Butler em sua proposta de desconstrução do conceito de gênero é que a heterossexualidade compulsória contribui para criar a aparência de substancialidade. Para ela, a heterossexualidade, justamente por ser compulsória, estabiliza o gênero em sua condição binária homem/mulher. A heterossexualidade compulsória é “entendida como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo [...] o efeito de uma prática reguladora” (BUTLER, 2015, p.45). Ou seja, uma prática que tem como objetivo funcionar como uma espécie de estabilizador do gênero, que também reforça ainda mais a naturalização do gênero ao reiterar a ideia de mimetismo entre sexo e gênero. Resulta daí que a heterossexualidade é uma das estruturas mais difíceis de serem quebradas.

O gênero só pode denotar uma unidade de experiência, de sexo e de desejo, quando se entende que o sexo psíquica e/ou cultural do eu — e um desejo — sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja. A coerência ou a unidade interna de qualquer um dos gênero, homem e mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional (BUTLER, 2015, p.52)

Butler desfaz a distinção entre sexo/gênero. Para a filósofa, não existe tal distinção, como também não existem corpos que não tenham desde sempre recebido a marca do gênero. Na interpretação que Sara Salih faz do pensamento de Butler, “todos os corpos são ‘genericados’ desde o começo de sua existência social” (SALIH, 2015, p.89). Seguindo esse raciocínio, chegamos à conclusão que o gênero não é algo que alguém tenha ou adquira de uma determinada maneira. O gênero é, portanto, algo que fazemos. São atos que por serem sequenciados de forma coerente dão a aparência de substância. Nesse sentido, Butler pretende demonstrar que o próprio conceito de gênero como substância se vê questionado pelos traços dissonantes de gênero que não se conformam aos modelos sequencias de coerência. Podemos entender esses “traços dissonantes de gênero” como qualquer indivíduo que subverta essa matriz heteronormativa (gays, lésbicas, transexuais). Assim, de acordo com Butler:

Se é possível falar de um “homem” com um atributo masculino e compreender esse atributo como um traço feliz mas accidental de um “homem”, também é possível falar de um “homem” com um atributo feminino, qualquer que seja, mas continuar a preservar a integridade do gênero. Porém, se dispensarmos a prioridade de “homem” e “mulher” como substâncias permanentes, não será mais possível subordinar traços dissonantes de gênero como características secundárias ou accidentais de uma ontologia do gênero que permanece fundamentalmente inata. Se a noção de uma substância permanente é uma construção fictícia, produzida pela ordenação compulsória de atributos em sequências de gênero coerentes, então o gênero como substância, a viabilidade de *homem e mulher* como substantivos, se vê questionado pelo jogo dissonante de atributos que não se conformam aos modelos sequenciais ou causais de inteligibilidade. (BUTLER, 2015, p.55, grifo da autora)

Ao desmontar o entendimento do gênero como substância, seria natural que levantássemos a seguinte pergunta: se um homem, por exemplo, pode abrigar tanto um atributo feminino quanto um atributo masculino com igual facilidade, então o gênero seria alguma espécie de atributo incerto, uma vez que ele não pode ser considerado uma substância inata? A resposta elaborada por Butler passa necessariamente pelo conceito de performatividade, tema de nossa próxima seção. De acordo com a filósofa: “o gênero não é substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes [...] seu efeito substantivo é *performativamente produzido*” (BUTLER, 2015, p.56, grifo da autora).

Performatividade

Como já antecipamos, de forma geral, o conceito de performatividade é vital para a filosofia de Butler, pois é a partir desse conceito que a filósofa irá contestar os “dualismos problemáticos e sua hierarquia implícita, questionando categorias vinculadas a identidades pré-concebidas” (RAQUEL, 2016, p.123). E, de forma particular, para a proposta de desconstrução que estamos analisando, este conceito também é vital, pois é a partir dele que a filósofa irá repensar as identidades de gênero fora da lógica da metafísica da substância. Neste objetivo de repensar as categorias de gênero para além da metafísica da substância, Nietzsche é a referência última de Butler como podemos notar no trecho seguinte:

[...] é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em *Genealogia da Moral*, de que “não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra — a obra é tudo”⁶⁹. Numa aplicação que o próprio Nietzsche não teria antecipado ou aprovado, nós afirmariamos como corolário: não há identidade de gênero por trás da expressão de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída pelas próprias expressões tidas como seus resultados (BUTLER, 2015, p.56, grifo da autora)

Antes de seguirmos para o papel do conceito de performatividade na desconstrução das categorias de gênero, vale distinguir expressividade e performatividade. De acordo com a interpretação de Fernanda Raquel, quando Butler se refere à expressividade “entende-se a ação já dada a ser expressa, enquanto [performatividade] é uma ação a ser constituída” (RAQUEL, 2016, p.125). Essa distinção nos ajuda a entender que o conceito de performatividade evidencia o fato de que o gênero não possui caráter de essência ou substância que pertença ao sujeito, mas se trata de algo que o sujeito performa. Assim, para Butler “o sujeito constitui-se através de atos — somos o que é feito e refeito através da cultura, que é um processo” (RAQUEL, 2016, p.125). Em Butler, a performatividade é um fazer marcado pela reiteração de uma

⁶⁹ A referência esta citação da autora é a seguinte: NIETZSCHE F., on the genealogy of morals, trad. Walter Kaufmann, Nova York,: Vintage, 1969, p. 45.

norma ou conjunto de normas. Embora este fazer simule ou pretenda ser, ele não é ser. Ele é sempre um fazer. É neste sentido que Butler afirmar que o gênero é performativo. De acordo com Butler, o gênero demonstra ser performativo — quer dizer, constituinte da identidade que pretende ser ou simula ser. Neste sentido, “o gênero é sempre um fazer embora não um fazer por um sujeito que se possa dizer que preexista ao feito” (BUTLER, 2015, p.25).

Pode-se notar que o termo “performatividade” no pensamento butleriano traz também a ideia de uma encenação. Butler inclusive se refere a uma certa teatralidade quando ela define os termos pelos quais se dá a performatividade:

Performatividade não é, portanto, um ato singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou um conjunto de normas, e na medida em que adquire um status de semelhante ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções da qual é uma repetição. Além disso, esse ato não é primariamente teatral; de fato sua aparente teatralidade é produzida na medida em que a sua historicidade permanece dissimulada (e, inversamente, sua teatralidade ganha uma certa intratabilidade, dada a impossibilidade de uma divulgação completa de sua historicidade). Na teoria dos atos da fala, a performatividade é a prática discursiva que decreta ou produz aquilo que nomeia (BUTLER *apud* RAQUEL, 2016, p. 125)

O conceito de performatividade tem um importante papel na desconstrução do conceito de gênero. Para Butler, o gênero é constituído mediante atos que o sujeito performa. Por isso, não é possível dizer que exista um gênero inicial ou um gênero primordial. Nas reflexões de Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj, encontramos uma interessante síntese das ideias de Butler que estamos apresentando. De acordo com elas, “as identidades de gênero [...] não seriam unívocas; a pessoa seria uma espécie de andrógono, um permanente vir a ser” (HEIBORN e SORJ, 2016, p.89). Esta frase pode nos ajudar a entender o modo como Butler pensa as identidades de gênero e a forma como o indivíduo se relaciona com sua identidade. O pensamento butleriano compreende que as identidades de gênero não são únicas entre si e o indivíduo não está permanentemente ligado à sua identidade. Butler sustenta que as identidades devem ser tratadas como um efeito e nunca como uma causa:

Butler argumenta que a identidade é uma sequência de atos [...], mas ela também argumenta que não existe ator (um performer) preexistente que pratica esses atos, que não existe nenhum fazedor por trás do feito. Ela esboça aqui uma definição entre performance (que pressupõe a existência de um sujeito) e performatividade (que não o faz). Isso não significa que não há sujeito, mas que o sujeito não está onde esperaríamos encontrá-lo – isto é, “atrás” ou “antes” de seus feitos. (SALIH, 2015, pp. 65-66).

Em outro trecho, Salih afirma que “o sujeito de Butler é um ator que simplesmente se põe de pé e ‘encena’ sua identidade num palco metafórico de sua própria escolha” (SALIH, 2015, p.65). Porém, devemos prestar atenção em um ponto: Butler não sugere, de forma alguma, que o sujeito seja livre para escolher o gênero, ao contrário, a escolha do gênero a ser performado já está dada no interior dessa estrutura normativa altamente rígida. Desse modo, o sujeito tem uma quantidade limitada de possibilidades para exercer sua performance, uma vez feita a escolha pelo estilo de gênero, não é possível alterá-la:

Escolher um gênero significa interpretar as normas existentes de gênero, organizando-as de uma nova maneira. Menos do que um ato radical de criação, o gênero é um projeto tácito para renovar a nossa história cultural segundo nossos próprios termos. Não se trata de uma tarefa prescritiva na qual devemos nos empenhar, mas uma tarefa na qual estamos empenhados desde sempre. (BUTLER *apud* SALIH, 2015, p. 68)

Considerações finais

Podemos concluir que, seguindo a leitura que Sara Salih faz a respeito do conceito de gênero em Butler: “o gênero não é apenas um processo, mas um tipo particular de processo, ‘um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido’” (SALIH, 2015, p.89). Assim, o gênero no pensamento butleriano se torna performativo no sentido de ser constituído por meio desses atos que são repetidos e reencenados, fazendo, ao longo do tempo, com que a ideia de gênero se cristalice, criando a aparência de substancialidade:

“Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma ‘essência’ que ele expresse ou exteriorize, nem tão pouco um ideal objetivo ao qual aspire” (BUTLER, 2015, p.241).

O que podemos entender desta afirmação é que não existe nenhum gênero fora do quadro da performatividade. Essa compreensão de que o gênero não é um dado real e objetivo abre espaço para suspensão de vários paradigmas fortemente instituídos na sociedade, dentre os quais destacamos o binarismo sexual (homem/mulher) e a heterossexualidade compulsória. Assim, o papel fundamental do conceito de performatividade no pensamento butleriano é evidenciar, de diversas formas e de muitas perspectivas, o caráter não-substancial do gênero. É através desta reflexão que a filósofa crítica a metafísica da substância que sustentava a aparência de substancialidade ou essencialidade nas categorias de identidade de gênero, presente em algumas teorias feministas tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and subversion of identity**. New York: Routledge, 2006.
- _____. **O Clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte**. 1ed. Santa Catarina: UFSC, 2014.
- _____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- _____. **Quadros de Guerra**. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- _____. **Relatar a Si Mesmo**. 1ed. São Paulo: Autêntica, 2015.
- _____. **Corpos que pesam: os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Lopes Guacira. **O corpo educado**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GREINER, Christiane (Org.). In: **Leituras de Judith Butler**. 1ed. São Paulo: Annablume, 2016.

PRADO, Aidar Luiz José. **A política do performativo em Butler**. In: GREINER, Christiane (Org.). *Leituras de Judith Butler*. 1ed. São Paulo: Annablume, 2016. p. 15 – 35.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade volume I**. 3ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

HEILBORN, Luiza Maria; SORJ, Bila. **Estudos de gênero no Brasil — 1975 - 1995**. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Oliveira Regina Tania (Org.). *Problemas de gênero*. 1ed. São Paulo: Funarte 2016. p. 75 - 104.

RE, Alisa Del. **Aborto e contracepção**. In: HIRATA, Helena...[et alt] (Org.) *Dicionário crítico do feminismo*. 2ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 342 p.

RAQUEL, Fernanda. *Performatividade: subvertendo corpos e identidades em cena*. In: GREINER, Christiane (Org.). **Leituras de Judith Butler**. 1ed. São Paulo: Annablume, 2016. p. 123 – 137.

RODRIGUES, Carla. **“Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida”**. DELTA, Rio de Janeiro, n.10. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sess/n10/a07n10.pdf>>. Acesso em: 19/11/2016.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SCOTT, Joan. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. **Educação e Realidade**, v. 15, n.2, 77-99, 06 – 12/1995.

SCHMIDT, Terezinha Rita. *Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo da mulher*. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Oliveira Regina Tania (Org.). **Problemas de gênero**. 1ed. São Paulo: Funarte 2016. p. 343 - 368.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicações dos direitos da mulher**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2016.